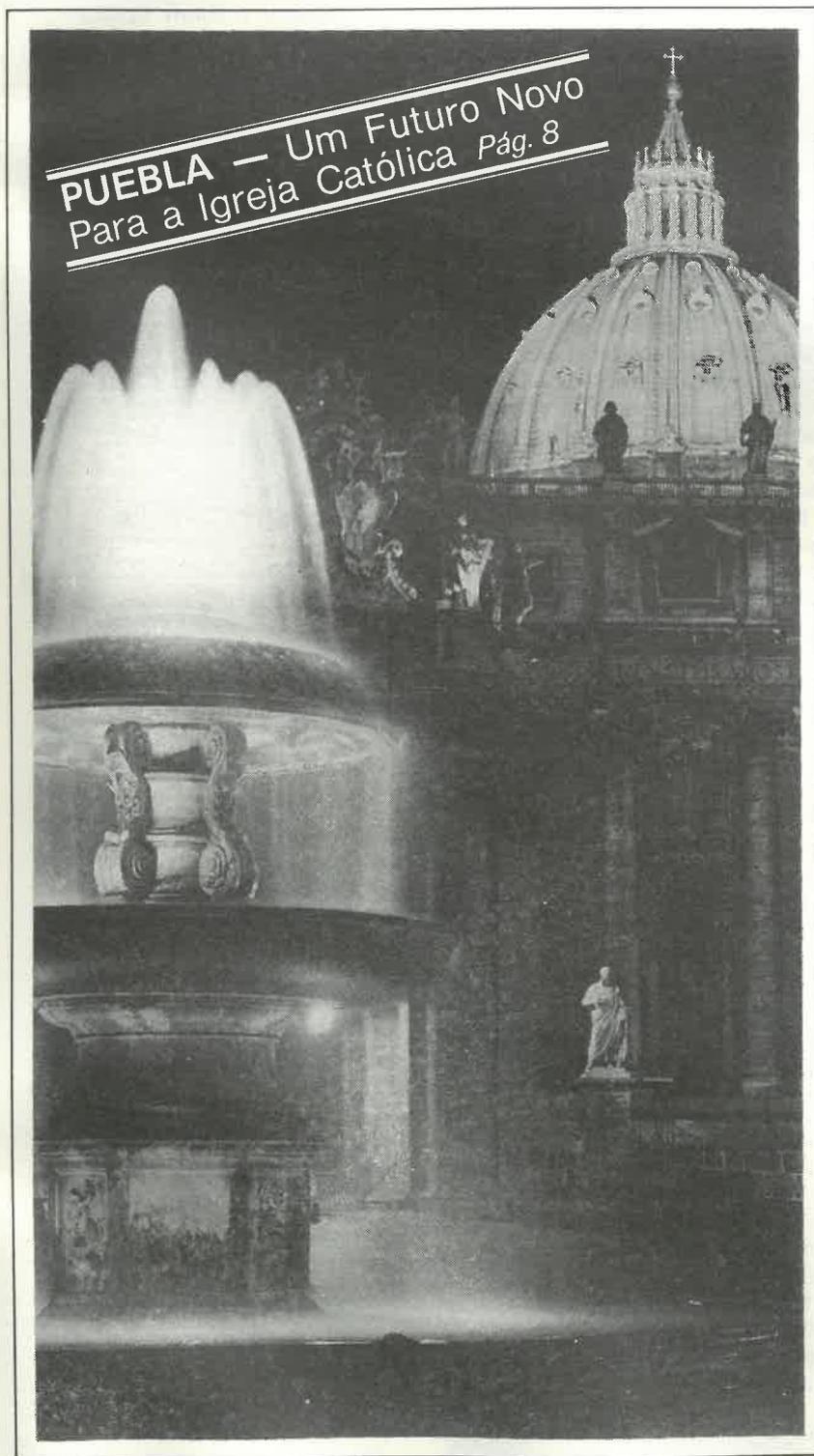


# Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

MARÇO/1981



**PUEBLA — Um Futuro Novo  
Para a Igreja Católica Pág. 8**

## O Poder do Lar

*Pág. 4*

## O Conceito de Livre Arbítrio em Erasmo, Lutero e E. White

*Pág. 5*

## O Espírito Santo — uma Personalidade

*Pág. 10*

## Cultos e Domingos

*Pág. 11*

## Uma Reunião Histórica — (conclusão)

*Pág. 13*

## Como Conseguir Publicar um Artigo no «Osservatore Romano»

Segundo a opinião de G. Cupertino,  
por H. Hopf, 7 de Novembro de 1980

O «Osservatore Romano» (Observador Romano) é mundialmente conhecido como o órgão papal oficial da igreja Católica, como a voz do Vaticano. Certamente que não é fácil publicar neste jornal um artigo, falando de uma edição Adventista e sobre a crença Adventista numa maneira geral em termos muito positivos. Como ser bem sucedido?

Terá de ser um escritor jornalístico persistente. E terá de se ter começado há 15 anos. Terá de se manter boas relações pessoais, e — por último mas não de menos importância — terá de ser uma pessoa de fé e depender do apoio divino.

O Pastor Guisepe Cupertino é um homem desse género. Há anos ele começou a escrever cartas a jornais italianos sobre assuntos actuais, não agressivas, mas delicadas e inteligentes. Ele costumava assinar as suas cartas como «G. Cupertino, Pastor Adventista». Num país em que o mero nome Adventista é largamente desconhecido era um bom meio de comunicação. Ele não só escreveu aos jornais locais, mas para os jornais famosos em toda a nação, com uma circulação de milhares de exemplares tais como «La Stampa», «Il Tempo», «La Nazione» e muitos outros. Sempre que possível ele tentava entregar a carta em mão ao respectivo editor e depois conservava-se em contacto por um telefonema ocasional. Assim, as suas cartas de leitor eram publicadas cada vez com mais frequência e as suas contribuições apreciadas. Se ele pudesse referir-se, uma vez que fosse, a um dos seus artigos publicados num grande jornal, era quase certo que outro jornal também aceitasse e publicasse.

Como presidente da Conferência Italiana escreveu o livro «Já Resolveu os Seus Problemas?», que foi publicado pela casa publicadora Adventista, tendo já várias edições. Também já foi traduzido e editado em Francês e Espanhol. Claro que ele enviou exemplares do livro aos diferentes jornais para revista. E aqui novamente vários dos jornais lhe fizeram uma crítica escrita razoavelmente detalhada e positiva.

Finalmente pediu uma audiência ao secretário da biblioteca do Vaticano, a fim de submeter o seu trabalho à sua apreciação. A audiência foi-lhe concedida e este dignitário ficou tão impressionado pelas muitas publicações na imprensa, bem como pelo livro e seu autor, que propôs ao Pastor Cupertino que trouxesse outro exemplar para o editor-chefe do «Osservatore Romano».

«Receberá ele um Pastor Adventista?» perguntou o irmão Cupertino. «Peça uma audiência», respondeu o secretário da biblioteca do Vaticano, «e eu informo-o de que o senhor lá irá». Esta «informação» provou ser de grande auxílio: alguns dias mais tarde o nosso pastor foi recebido cordialmente pelo editor-chefe que, por seu turno, entregou um exemplar do livro de Cupertino a um dos mais famosos advogados de Roma, pedindo uma crítica objectiva a este escritor, para o «Osservatore». O Doutor A. Alberti concordou com duas condições: Sem ter limite de tempo e sem que a sua avaliação fosse censurada.

Quando alguns meses mais tarde (13-8-76) foi publicada a revista do livro no jornal eclesiástico, era um elogio inteiramente positivo, e em algumas passagens até entusiástico.

Desde então o Irmão Cupertino tornou-se um amigo pessoal do secretário do editor do jornal do Vaticano.

Ser amável, inteligente, perseverante, e contudo firme e fiel à nossa verdade poderá abrir quase todas as portas.

## SUMÁRIO

- Como Conseguir Publicar um Artigo no «Osservatore Romano»
- Editorial
- O Poder do Lar
- O Conceito de Livre Arbitrio em Erasmo, Lutero e Ellen White
- Puebla - um Futuro Novo Para a Igreja Católica
- O Espírito Santo — uma Personalidade
- Cultos e Domingos
- Uma Reunião Histórica — (conclusão)
- Os Pais e a Escola
- «Apenas»

## Revista Adventista

Publicação mensal

MARÇO DE 1981  
ANO XLII N.º 414

Director: J. MORGADO

Proprietária e Editora:



PUBLICADORA ATLÂNTICO

Redacção  
e

Administração:

Rua Salvador Allende, lote 18, 1.º

Telefone 251 0844

2686 SACAVÉM CODEX

Execução gráfica:

SANTOS & COSTA, LDA. - artes gráficas  
Vale Traveiro — 2480 Porto de Mós

Preços:

Assinatura Anual . . . . . 200\$00  
Número Avulso . . . . . 20\$00

ESTRANGEIRO: além do preço de assinatura, os portes são a cargo do assinante.

Prezados Irmãos:

O mandamento que diz «Honra a teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor, teu Deus, te dará», aplica-se não só àqueles que nos deram o ser, mas também a todos os que na Igreja atingiram uma idade que não lhes permite viverem sozinhos ou cuidarem de si mesmo.

A vida transformou-se de tal maneira nos últimos anos, que por vezes os filhos não têm possibilidades de cuidar dos seus pais na velhice — falta de espaço em suas casas, falta de tempo, etc. Outros há que estão sós no mundo: não têm ou nunca tiveram filhos.

Surgiram, pois, aquilo a que se chama *As Casas para a Terceira Idade*.

A Igreja Adventista mantém uma destas Casas em Pero Negro, há vários anos. É o L.A.P.I. - Lar Adventista para as Pessoas Idosas. Muitos têm sido os nossos irmãos idosos que ali têm encontrado conforto e bem-estar.

Não há palavras que possam testemunhar a gratidão da Igreja por aquelas irmãs que, dia após dia, noite após noite, estão sempre dispostas a prestar auxílio, a levar uma palavra de coragem e compreensão.

Levantou-se um grande movimento de solidariedade em toda a Associação em favor da construção do novo L.A.P.I.. Muitas e valiosas ofertas têm sido enviadas por irmãos isoladamente. As ofertas recebidas nas Igrejas também são animadoras. E assim tudo se conjuga para que o novo Lar em breve seja uma realidade.

Cada vez que passo em Salvaterra vou vendo a obra crescendo um pouco: Mais um telhado posto, mais algumas paredes rebocadas, mais algumas árvores plantadas, etc. Cada um de vós tem ali colocado alguns dos talentos que o Senhor vos confiou.

Mais uma vez, neste mês, vamos apelar para cada um de vós, a fim de que uma grande oferta possa ser trazida e o nosso novo L.A.P.I. possa finalmente ser concluído.

Desejaria partilhar convosco alguns pensamentos do Espírito de Profecia, extraídos do Livro *«Mordomia e Prosperidade»*.

*«Sempre que o perfeito amor de Deus está no coração, coisas maravilhosas serão feitas. Cristo está no coração do crente como uma fonte de água que salta para a vida eterna. Mas os que manifestam indiferença para com os sofredores da humanidade, serão acusados de indiferença para com Jesus, na pessoa dos santos que sofrem. Nada solapa mais depressa a espiritualidade da alma do que encerrá-la no egoísmo e no cuidado de si mesma... Quando Deus confia ao homem riquezas, é para que este possa adornar a doutrina de Cristo, nosso Salvador, usando os seus tesouros terrestres no avanço do reino de Deus no mundo.» (p. 27)*

*«Dar para atender às necessidades dos santos e para o avanço do reino de Deus, é pregar sermões práticos, que testificam que os que dão não receberam a graça de Deus em vão. Um exemplo vivo de um carácter generoso, que está de acordo com o exemplo de Cristo, exerce grande poder sobre os homens.» (p. 29)*

*«O sermão mais difícil de pregar e que mais custa pôr em prática é o da abnegação. O pecador cobiçoso, por si mesmo, fecha a porta ao bem que se poderia fazer, mas que não é feito porque dinheiro é dispendido para fins egoístas.» (p. 29)*

*«As menores quantias dadas alegremente pelos que estão em condições limitadas, são plenamente aceitáveis a Deus, e até de maior valor, à Sua vista, do que as ofertas dos ricos que podem dar seus milhares, sem, contudo, exercerem abnegação ou sentirem falta.» (p. 30)*

*«O que dais à causa de Deus não é perdido. Tudo o que é dado para a salvação de almas e para a glória de Deus, é empregado no empreendimento de maior êxito desta vida e da vida futura. Vossos talentos de ouro e prata, se dados aos banqueiros estão aumentando o valor, o que será registado na vossa conta no reino dos Céus.» (p.342)*

*«Cristo guardará o nome de todos os que não consideram custoso demais um sacrifício para Lhe ser oferecido sobre o altar da fé e do amor... É bom para nós dar nossas poses, nossos talentos e nossas afeições em grata devoção a Cristo, e dessa forma encontrar alegria aqui e imortal glória no além.» (p. 344)*

Desejando a todos as maiores bênçãos celestiais, fico

Vosso conservo em Cristo

J. Morgado

## O Poder do Lar

Neste princípio de 1981 sinto-me compelido a escrever esta página sobre o que pode ser descrito como o aspecto mais negligenciado da nossa missão global, e um dos mais prementes desafios do evangelho — o seu lar e família, a sua esposa, o seu marido, os seus filhos.

Meus caros irmãos e irmãs em Cristo, espero que considerem oportuna a minha preocupação, e não como sendo uma crítica ou uma intromissão desnecessária. Depois de falar com muitos jovens e pais, pressenti um problema de larga escala que clama por atenção especial e por uma solução mais satisfatória.

Num número recente da revista canadiana «Maclean's», li um preocupante relatório, escrito por Jane O'Hara, intitulado «Suicídios Juvenis». Este assombroso artigo fala de milhares de jovens, alguns até com menos de dez anos de idade, que irão tentar suicidar-se este ano. O aumento do número de suicídios é um espectro aterrorizador em muitos países.

As moças tentarão o suicídio três vezes mais do que os rapazes, embora estes o completem com uma frequência quatro vezes maior. Estes suicídios juvenis serão tentados pelos mais diversos meios, tais como: ingerir doses excessivas de medicamentos, armas, enforcamento, saltar de grandes alturas, cortar os pulsos, apunhalar-se, engolir anzóis, e beber líquidos voláteis. Um rapazinho de nove anos, vítima de um lar desfeito, tomou uma dose excessiva de um dado medicamento. Deixou as suas instruções num pequeno bilhete: «Quero ser enterado com a minha Bíblia. Por favor, ofereçam o meu ursinho a alguém.»

O estudo de muitos casos apontam friamente para uma das causas base do suicídio: a insegurança da família moderna. É-nos dito que muitos jovens são pressionados a darem este passo pelo sentimento de solidão, desespero, inutilidade e depressão. Outras causas, além de lares destruídos ou desunidos, que causam esta situação desesperada, são: crueldade, deserção e negligência por parte de pais egoístas ou alcoólicos; a hipocrisia da sociedade; o ter sido lançados à deriva no mar da permissividade moral; e o decréscimo da importância da religião.



**NEAL C. WILSON**  
Presidente  
da Conferência Geral

Muito poucas coisas deixadas ao acaso têm sucesso. Um lar feliz e centralizado em Jesus nunca poderá ser fruto das leis do acaso. Demasiadas pessoas na sociedade contemporânea, e até mesmo na igreja, acham que a vida humana deve ter muito poucas, ou mesmo nenhuma restrição. A História diz-nos que esta filosofia leva, geralmente, à anarquia moral.

É minha convicção que esta maravilhosa família Adventista do Sétimo Dia necessita de redescobrir antigas virtudes tais como honestidade, castidade, dever, e lealdade. É necessário esforço para se estabelecer e fortalecer um lar e uma família cristã, mas vale a pena. Há alguns anos, O. J. Ritz disse que é lamentável que os jovens nos ouçam dizer coisas que o nosso estilo de vida não confirma.

O corruptor de todas as relações humanas é o egoísmo. A única maneira provada de extinguir o egoísmo, seja no coração dum indivíduo, seja numa pequena família, ou até numa comunidade, é deixar o Senhor Jesus Cristo e o Espírito Santo tomar posse da nossa mente e vida.

A evidência mais convincente do resultado positivo do evangelho e do poder transformador de Jesus Cristo será vista na família. É no lar que nos «expomos» como realmente somos, ou como definitivamente não somos!

«Uma família ordenada, bem disciplinada, fala mais em favor do cristianismo do que todos os sermões que se possam pregar. Uma família assim dá prova de que os pais foram bem sucedidos no seguir as instruções de Deus, e de que seus filhos O servirão na igreja. Sua influência aumenta; pois à medida que comunicam, recebem para tornar a comunicar. ... Toda a família se acha empenhada no serviço do Mestre; e pelo seu piedoso exemplo são outros inspirados a serem fiéis e leais a Deus ... A maior prova que se pode apresentar ao mundo, é uma família bem ordenada, bem disciplinada. Isso recomendará a verdade como nenhuma outra coisa o poderá fazer.» — *O Lar Adventista*, pág. 32.

A pergunta que devemos tentar fazer e responder a nós próprios é: Encaixamo-nos nós nos planos de Deus como modelos e exemplos vivos que, por sua influência demonstram que as promessas de Deus transmitem poder? O que dá força espiritual à família para que pais e filhos se possam reconciliar, os rebeldes se possam converter, e um povo estar preparado para a vinda do Senhor?

Embora seja provavelmente mais fácil planejar uma campanha evangelística ou a distribuição de literatura ou ainda uma oferta especial para assistir às necessidades e sofrimentos humanos, por favor, lembrem-se que um lar e uma família Adventista poderão dar um testemunho mais eficaz em favor da fé cristã do que todas as pregações.

# O Conceito de Livre Arbítrio em Erasmo, Lutero e Ellen White

Em todos os tempos o homem tem lutado para estabelecer e usufruir a liberdade no sentido de se sentir livre de outros poderes e tem procurado afirmar-se independente de maneira a poder fazer o que lhe apraz. Isto pressupõe a capacidade de decidir e escolher que por sua vez está baseada no livre arbítrio. Não é fácil ser categórico ou estabelecer uma doutrina sobre esta matéria. O livre arbítrio é, talvez, um dos ingredientes mais importantes da personalidade humana, tendo em conta a origem do homem e as implicações relacionadas com o seu comportamento e o seu destino. Esta questão ultrapassa a fronteira do contexto humano. Nela está envolvida a soberania de Deus e a liberdade do homem, com as suas várias implicações: o bem, o mal, a queda, a salvação e a predestinação. Além da sua inerente complexidade, como afirma Mackenzie, «a controvérsia sobre o livre arbítrio é transformada muitas vezes em mero jogo de palavras e expressões ambíguas... Historicamente o uso e abuso de uma vaga terminologia — vontade, motivos, necessidade, determinismo — tem sem dúvida gerado confusão. Mas apesar da controvérsia verbal há, no entanto, um significado bem real».(1)

Uma dimensão de vital importância e sempre actual relacionada com o livre arbítrio é a dimensão ética. Poder de escolha é indispensável na ética. Sem livre arbítrio não é possível comportamento ético, pois sem livre arbítrio há determinismo, o que significa irresponsabilidade.

Este tema tão velho como o próprio homem, foi largamente debatido nos dias da Reforma, tendo sido objecto de um debate escrito entre Lutero e Erasmo, defensores respectivamente do ponto de vista protestante e católico.

O cerne da questão do livre arbítrio é o religioso. Dele nos ocupamos segundo a óptica de Erasmo, Lutero e finalmente E. G. White. Exactamente no ano da morte de Staupitz, 1524, Erasmo

atacou Lutero sobre a questão do livre arbítrio que veio a contribuir para a ruptura entre o humanismo e a Reforma luterana. De acordo com o ponto de vista humanístico de Erasmo o homem pode realizar boas acções e o seu livre arbítrio pode contribuir para a salvação. (2) A esta teoria Lutero «opõe a omnipotente e sempre operante vontade de Deus», (3) porque para ele «liberdade de escolha toca o nervo do evangelho — as promessas, a glória e a graça de Deus.» (4).

Com o objectivo de nos tornarmos mais familiares com este assunto e assim dele se sacar mais proveito, parece-nos útil apresentar primeiramente algumas generalidades sobre Erasmo e Lutero no que respeita às circunstâncias do já referido debate. Isto será seguido de uma análise e comparação no que respeita às definições sobre Livre Arbítrio, Queda e Graça, tais como se encontram expressas na *Liberdade da Vontade* de Erasmo e na *Escravidão da Vontade* de Lutero. Finalmente serão apresentados alguns extractos da mensagem prática, despreziosa e clara de E. G. White sobre esta matéria.

## OS DOIS HOMENS E AS CIRCUNSTÂNCIAS DO DEBATE

Lutero e Erasmo, autores respectivamente da *Escravidão da Vontade* e da *Liberdade da Vontade* foram contemporâneos. Eles podem ser contados entre as figuras mais célebres do século dezasseis, talvez até os mais importantes no campo da literatura e da religião. Eram, no entanto, bem diferentes em muitos aspectos, merecendo realce, talvez o temperamento e a tomada de posições públicas. A compreensão destas diferenças poderá ajudar o leitor a melhor apreender o conteúdo e as intenções expressas no debate de cada um. Começaremos pelo Reformador alemão.

### *Martinho Lutero:*

O chefe da Reforma, génese do Protestantismo, é bem conhecido pela sua audácia frente à igreja

católica. Depois de passar por uma série intensa de experiências religiosas entrou para a vida monástica. A grande preocupação de Lutero consistia em saber como encontrar o favor de Deus. Ele experimentou todos os meios oferecidos pela Igreja, mas nenhum o satisfaz. Ao encontrar a resposta nas Escrituras, após estudo e meditação profunda, encontrou a paz íntima e proclamou poderosamente «o justo viverá pela fé» (Rom. 1:17). A corajosa proclamação desta mensagem envolveria o destemido Reformador em controvérsia durante o resto da sua vida. Após ter afixado as suas famosas noventa e cinco Teses a 31 de Outubro de 1517 e negado a supremacia do Papa foi excomungado. O carácter e as convicções religiosas de Lutero são bem definidas na sua resposta ao ser-lhe solicitado retratar os seus ensinamentos:

«A não ser que me convençam pelo testemunho das Escrituras ou pelo claro raciocínio (eu não confio no papa nem em concílios, pois é bem conhecido que eles têm errado muitas vezes e entrado em contradição), permaneço firme nas Escrituras que citei e a minha consciência é cativa da Palavra de Deus. Não posso retratar-me e não me retratarei, pois não é seguro nem justo para um cristão agir contra a sua consciência. Não posso ter outra atitude.» (5)

Este texto, além de revelar a sua firmeza de carácter e o gosto por posições bem definidas, mostra também o seu apego e dependência das Escrituras. Esta atitude está de acordo com a linha de pensamento de Henry Jacob ao precisar que «as Escrituras não devem ser interpretadas pelos Pais da Igreja, mas estes devem ser julgados pelo acordo ou desacordo com as Escrituras.» (6) O autor da *Escravidão da Vontade* apresenta-se-nos, portanto, como um homem que gosta de definir bem as suas posições e de se pautar pelas Escrituras e a sua consciência.

#### Erasmus:

Erasmus nasceu em Roterdã em 1466 e pode considerar-se um verdadeiro cosmopolita. Residiu várias vezes em França, na Inglaterra e finalmente na Suíça, mais exactamente em Basileia.

Erasmus foi considerado o maior dos Humanistas e a sua experiência moral e religiosa estava como que ensopada em literatura clássica, sendo-

-lhe atribuído um certo contributo para o estabelecimento do Agnosticismo Cristão que pôs a erudição por cima da piedade. Parece que Erasmo desejava uma reforma dentro da Igreja; ele tentou mostrar esta necessidade com as suas obras *Economium Moriae* e *Colloquia*. Como afirma Watt, (7) o objectivo de Erasmo era conseguir um Renascimento Cristão baseado não em Platão, mas no retorno ao Novo Testamento e aos Pais da Igreja. O seu Novo Testamento Grego, publicado em 1516, as suas várias edições dos Pais da Igreja, assim como quase todas as suas outras numerosas obras visavam ajudar o estabelecimento do referido Renascimento Cristão, mas «exactamente no meio de seus esforços estalou a Reforma». (8)

Qual pois a atitude de Erasmo para com a Reforma? Os seus contemporâneos reconhecem que ele era um enigma. Referindo-se a Erasmo, num diálogo com Frederico o Sábio, Lutero disse para este: «Que extraordinário é aquele homem de estatura pequena! O príncipe sorriu tristemente acrescentando, 'você nunca sabe o que dali pode vir!' Lutero concluiu com o comentário: 'Erasmus é uma enguia; só Cristo pode apanhá-lo'.» (9) O comportamento enigmático de Erasmo, na verdade baralhou não poucos comentadores. Lortz e Alexander ao comentar a atitude de Erasmo para com a religião, ou mais exactamente, para com a Igreja Católica, disseram que ele «representa para a Igreja uma ameaça pior do que Lutero: ele é o «meio católico» que embala a Igreja comodamente para a dissolução da fé, enquanto Lutero provoca a Igreja para a guerra.» (10) Se se quer ser justo, no entanto, para com Erasmo devemos dizer que algumas vezes ele tomou uma posição bem definida. A sua famosa afirmação: «Eu aguentarei esta Igreja até que ela melhore», levou M. Renaudet a considerá-lo como um ancestral do Vaticano II, idêntico a Newman. (11) De toda a maneira pode-se dizer com Watt que embora Erasmo possa ser considerado «meio Reformador, ele não foi meio Humanista nem meio Cristão.» (12) Rupp sugere mesmo que a Igreja Cristã daquela época necessitou da formação humanística de Erasmo cujos frutos foram a publicação do Novo Testamento Grego. Ele acrescenta que este acontecimento, «tomado como um gesto individual e ao mesmo tempo no que implica como desafio à autoridade, o Novo Testamento de Erasmo pode ser comparado em audácia às Noventa e Cinco Teses de Lutero.» (13)

Uma Revista Adventista em cada lar

Estamos, portanto na presença de dois homens hábeis, dois cristãos convictos que defenderam pontos de vista diferentes sobre o Livre Arbítrio, ou seja a capacidade ou incapacidade do homem de escolher o bem e praticá-lo. Como compreender, portanto, o conflito entre estes dois homens? «Será uma questão de insensibilidade ... um espírito filosófico contra o enfurecimento da teologia dogmática? Será então a preocupação racional e ética moralista contra as intuições profundas de um espírito religioso arrebatado?» (14) Não, esta é sem dúvida, de acordo com o mesmo autor, uma maneira superficial de encarar este assunto. «Estes dois homens, bem pelo contrário, representam duas ópticas diferentes tanto no aspecto teológico como ético, duas alternativas de 'conjuguar' Deus e o homem.» (15)

#### O Debate:

Este debate sugere, ao que parece, como uma reacção de Erasmo contra a posição de Lutero exposta sobre a matéria em causa no seu *Assentio*. Erasmo leu este trabalho e reagiu especialmente contra a tese de Lutero respeitante ao conceito de necessidade.

A reacção de Erasmo é curiosa e merece a nossa atenção: «Que significa isso da obediência louvável se ao agir bem ou mal nós somos uma espécie de instrumento para Deus como o machado para o carpinteiro? Se Wyclif tem razão, nós somos, no entanto, um tal instrumento. Todas as coisas, quer seja antes ou depois da graça, tanto as boas como as más, sim tudo indistintamente, é feito por mera necessidade. Lutero aprova esta opinião. Que ninguém pense que eu inventei esta acusação, pois eu citarei as suas próprias palavras directamente das suas asserções.» (16)

Logo a seguir ele cita aquilo que poderemos considerar a definição de Lutero da liberdade de escolha antes da graça:

«Eu estava errado ao afirmar que a liberdade de escolha antes da graça é uma realidade somente de nome. Eu deveria simplesmente dizer: 'Liberdade de escolha é na realidade uma ficção, ou um nome sem realidade.' Pois ninguém dispõe em si mesmo da capacidade de conceber um pensamento bom ou mau, mas tudo (como muito bem ensina o artigo de Wyclif condenado em Constança) acontece por absoluta necessidade.» (17)

Parece que Erasmo nunca se debateu com o ponto essencial de Lutero que consistia em «saber se a vontade tem ou não alguma função no processo da salvação eterna». (18) No dizer do próprio Lutero «procurava-se inquirir sobre o que a liberdade de escolha pode fazer, o que ela tinha feito e qual a sua relação com a graça de Deus.» (19)

Antes de examinar certos pormenores deste debate e de acordo com Rupp pode apontar-se já algumas das suas fraquezas fundamentais:

1. «O estilo enfadonho daquela época que consistia em debater linha por linha ou parágrafo por parágrafo do opositor. Este foi o método que Lutero usou e isso foi-lhe funesto ... Ele não deu qualquer importância aos últimos capítulos de Erasmo que constituem possivelmente a melhor porção da sua obra.» (20)
2. «A tentativa de se concentrarem somente nas Escrituras, atendendo que um e outro apelaram para outras autoridades e para a razão, foi enfraquecida pelo facto dos textos bíblicos provarem demasiado ou não provarem nada.» (21)
3. «Autoridades católicas modernas têm reconhecido debilidade nos argumentos de Erasmo relacionados com a doutrina sobre a graça e a presciência e onipotência divinas.» (22)

(Continua em números futuros)

#### Referências

1. Donal Mackenzie, «Free Will», *Encyclopedia of Religion and Ethics* (New York: Charles Scribner's Sons, 1910-1922), 6:124.
2. Heiko A. Oberman, *Forerunners of the Reformation*, trad. Paul L. Nyhus (New York: Holt, Rinehart and Winston, 1966), pág. 38.
3. Reinold Seeberg, *Text-Book of the History of Doctrines*, trad. Charles E. Hay (Grand Rapids: Baker Book House, 1966), pág. 243.
4. E. Gordon Rupp, «The Erasmian Enigma» in the *Library of Christian Classics*, 26 — Vols., ed. por John Baillie; John T. McNeill e Henry P. Van Dusen (Philadelphia: The Westminster Press, 1959), 17:9 (Para as futuras citações desta obra será usada a referência LCC).
5. Jaroslav Plikan, «Luther, Martin» *The World Book Encyclopedia* (Chicago: Field Enterprises Educational Cooperation, 1971) 12:459.
6. Henry E. Jacobs, «Luther» *Encyclopedia of Religion and Ethics* (New York: Charles Scribner's Sons, 1910-1922) 8:20.
7. Hugh Watt, «Humanists», *Encyclopedia of Religion and Ethics* (New York: Charles Scribner's Sons, 1910-1922) 6:835.
8. Watt, pág. 835.
9. Rupp, pág. 2.
10. *Ibidem*.
11. *Idem*, pág. 3.
12. Watt, pág. 835.
13. Rupp, pág. 6.
14. Philip S. Watson, «The Lutheran Riposte» in the *LCC*, pág. 12.
15. *Idem*, pág. 64.
16. Desiderius Erasmus, «On the Freedom of the Will» in the *LCC*, págs. 63, 64.
17. *Idem*, pág. 64.
18. Watson, pág. 13.
19. Martin Luther, «On the Bondage of Will», in the *LCC*, pág. 116.
20. Rupp, pág. 10.
21. *Ibidem*.
22. *Ibidem*.

# Puebla — um Futuro Novo Para a Igreja Católica

Embora esta conferência episcopal se tenha realizado há cerca de um ano e meio, o que aí se passou não perdeu actualidade, antes pelo contrário, a nossa opinião bem como a de comentadores religiosos ou não, é que ela veio a marcar o início de uma nova página na história da Igreja Católica.

Com efeito em Puebla uma igreja essencialmente evangélica nasceu. Aqui encontramos uma concepção completamente nova. No tocante à missão da igreja, novos métodos e uma maneira nova de ver o mundo nasceram.

Deste modo e porque estamos conscientes do papel da Igreja Católica nos próximos anos, pareceu-nos útil tomar conhecimento das novas directrizes, que poderão, nós o cremos, ser as precursoras de um período onde esta igreja reencontrará uma importância perdida anteriormente.

No discurso de João Paulo II, em Guadalupe, lançou-se à multidão o repto seguinte: «Não vos contenteis de um mundo mais humano, fazei explicitamente um mundo mais divino, reagi pela fé, que deve inspirar o progresso moral, religioso e social» (*Le Monde*, 27-1-79).

Podemos encontrar nesta declaração, não só um desejo, mas sim e sobretudo, um mandamento. Não devemos tentar fazer do mundo algo diferente do que temos agora. É necessário, isso sim, que tudo o que modifique o mundo possa estar baseado na fé, isto é, em tudo o que a Bíblia nos ensina a propósito da vida social, económica, moral e religiosa.

A transformação deve ser de tal ordem que o mundo possa estar mais perto do divino que do humano.

Ele acrescentaria ainda: «Não percam de vista a evangelização que tem força para libertar o homem pois ele é a revelação do amor» (*Idem*).

Se uma modificação é necessária, é imprescindível ter em conta também, os meios pelos quais a modificação se fará.

É aqui que encontramos um pensamento querido a João Paulo II: a evangelização como um meio capaz de fazer modificar o mundo.

Estamos de acordo com este ponto de vista e acrescentaremos que sem este método o mundo

nunca seria inteiramente transformado. Faltaria-lhe o elemento espiritual.

No discurso de abertura, o Papa mencionaria uma outra linha de força do seu pontificado: o regresso às fontes. «Vigiai sobre a pureza da doutrina da comunidade cristã.» (*Le Monde*, 30-1-79).

Na verdade, desde há algum tempo, ouvimos falar de novo na necessidade que temos de nos limitarmos à letra bíblica.

Parece-nos útil lembrar aqui uma série de condições que se estabeleceram e que contribuíram para o engrandecimento da concepção de uma sociedade orientada pelas ideias religiosas, no lugar das temporais. Lembremo-nos, por exemplo, da subida de importância do Islamismo através do mundo.

Esta transformação permite-nos constatar melhor uma realidade tantas vezes esquecida: o revés do temporal.

Podemos dizer que o discurso de abertura é um verdadeiro «programa» do novo modo de ver o homem e o mundo na Igreja Católica.

Neste discurso encontramos algumas partes que consideramos essenciais no estabelecimento desta nossa tese:

1. «Cristo é Filho de Deus e não um revolucionário político». É uma dogmática absolutamente nova que nasce em oposição à teologia da libertação dos últimos anos.

2. Este Cristo «comprometido politicamente» e portanto, «implicado na luta de classes» não está em nada de acordo com a «catequese da igreja».

3. «A igreja possui a verdade sobre o homem» face a uma constante degradação do ser humano. A igreja, baseada no espírito cristão do homem, julga-se na obrigação de promover uma nova imagem, a que parece a única possível, a que promove «a busca do infinito».

4. «A dignidade do homem, base dos direitos do homem». «Esta dignidade é espezinhada no plano individual, quando não se tem em conta valores como a liberdade, o direito de professar uma religião, a integridade física e psicológica e o direito aos bens essenciais à vida.» (*Idem*).

Neste mesmo espírito o Papa dá a sua opinião sobre a verdadeira missão da igreja neste momento:

«A igreja torna-se presente na defesa ou na promoção da dignidade do homem. Ela fá-lo na linha de missão que, sendo de carácter religioso e não social ou político, não pode considerar o homem na integridade do seu ser.» (*Idem*).

A missão da igreja passa deste modo a um plano puramente pessoal. Ela declina os aspectos essencialmente sociais ou políticos para se dedicar por completo ao aspecto espiritual. Deste modo,

\* Primeiro duma série de artigos com este título.

unicamente, ela se sentirá suficientemente livre para optar somente pelo homem.

5. «O papel da igreja na liberdade religiosa». Colocando-se para além do temporal, isto é, do político ou do social, a igreja sente-se livre de ser o libertador do homem por excelência. Isto é sobretudo realizável na liberdade religiosa.

6. «Doutrina social da igreja». Este aspecto toma toda a sua importância à luz do que acabamos de dizer. De facto todas as doutrinas sociais são baseadas na concepção que se tem do homem.

Se a importância do homem toma a dimensão espiritual, sentir-se-á um respeito e um amor para com o próximo, que até agora havia sido mal compreendida, apoiando-se unicamente sobre o aspecto económico e material.

O Papa é formal no seu ataque directo a todos os sistemas que de um modo ou de outro exercem opressão sobre o homem através de injustiças sociais.

Para João Paulo II, Puebla era importante também no respeitante à família, na igreja primeiro, depois na sociedade. Pois segundo a sua opinião «a evangelização no futuro depende em grande parte da igreja doméstica» (*Idem*).

## TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

Esta teologia apoia-se sob o ponto de vista bíblico, no evangelho segundo são Mateus 14:7 ss; 25:34-36; 4:4.

O Papa Paulo VI na encíclica «Evangelii Mutandi», faz-nos conhecer melhor esta Teologia:

«O plano da redenção atinge a situação muito concreta da injustiça a combater e da justiça a restaurar. É impossível negligenciar as questões extremamente graves respeitantes à justiça, à libertação e se assim não acontecesse seria ignorar a doutrina do evangelho de amor em relação ao próximo.» (*France Catholique Ecclesia* n.º 1981, de 2-3-79).

A doutrina católica do reino de Deus, fazendo estado de uma actualização visível e viva, pode-nos ajudar a melhor compreender a necessidade que o plano da Redenção tem de por fim à injustiça.

Isto tem um risco grave e Paulo VI reconhece-o: o de muitos cristãos reduzirem a missão da igreja às dimensões de um projecto simplesmente temporal, ao mesmo tempo que afirma «a finalidade específica do evangelho».

## A ASSEMBLEIA

É necessário estudar um pouco mais de perto a conferência e tirar algumas conclusões:

Sabe-se da existência de duas tendências principais:

1. «Os bispos sensíveis a um método indutivo, desejando que a reflexão parta da situação concreta no qual vive o povo, possibilitando assim uma fé bem enraizada nas mentalidades». (*Idem*).

2. «Os bispos mais sensíveis à dimensão doutrinal, a um amor à palavra em toda a sua integri-

dade, quaisquer que sejam as situações pessoais ou sociais.» (*Idem*).

A concepção da igreja em relação ao homem, nos nossos dias está estreitamente ligada ao papel da igreja na sociedade, seja no plano estritamente espiritual, ou seja, e sobretudo, no plano social ou económico.

É necessário a uma igreja que se quer actual, repensar as necessidades actuais do homem, na sociedade em que ele vive, tentando encontrar vias de realização desses projectos.

O Bispo de Cuernavaca dizia numa entrevista ao jornal «Le Monde» que o «cristianismo não tem cultura própria, a sua inserção na cultura marxista na luta de libertação do povo está a realizar-se em diversos sectores da igreja. Nós também vivemos no mesmo amor para com os pobres». (*Le Monde*, 8-3-79).

Se é verdade que entre o cristianismo e o marxismo há pontos comuns, parece-nos que eles se devem mais a pura coincidência, pois globalmente as suas maneiras de encarar o homem são diametralmente opostas. Vejamos a concepção que cada um deles tem da sociedade, do homem, da história e facilmente encontraremos o abismo que o separa.

A propósito deste problema, o Papa João Paulo II afirmou ser necessário «um discernimento sereno, uma crítica oportuna e claras tomadas de posição». É evidente que o que era verdadeiro antes de Puebla, deixou de o ser, pois esta conferência modificou por completo a Igreja Católica. Não se pode continuar a seguir o mesmo caminho, pois «Jesus não aceita a posição dos que misturam as coisas de Deus com as atitudes puramente políticas. Ele rejeitou sem equívoco a corrida à violência. Ele abre a Sua mensagem de conversão a todos sem excluir mesmo os publicanos». (*Le Monde*, 15-3-79).

Recusando a via materialista, política, a igreja encontrará no espiritual a sua forma plena. É isto que é importante. É aqui que se situam os pontos de partida para acontecimentos que sabemos extremamente significativos no desenrolar da profecia.

Para o Papa «é um erro afirmar que a libertação política, económica e social, coincida com a salvação em Jesus Cristo, que o reino de Deus se identifique com o reino do homem». (*Valeurs Actuelles*, 5-2-79).

Resumindo, podemos dizer que a igreja na sua missão, essencialmente espiritual, encontrará a autoridade que tem necessidade para atingir os fins a que ela se propôs. Cremos firmemente que pela sua acção puramente religiosa, a igreja terá muito maior sucesso em atingir os fins e que profeticamente sabemos estar no futuro.

Para concluir, gostaria de partilhar convosco uma opinião que me parece importante e que unicamente no futuro sentiremos os seus efeitos: No que diz respeito às relações entre o estado e a igreja declarou-se que «a política não é do domínio dos ministros.»

## O Espírito Santo — Uma Personalidade

Certos teólogos, apoiando-se sobre algumas declarações bíblicas, como Joel 2:28-32 e Lucas 1:35; Actos 1:8 e Tito 3:6, sustentam que o Espírito Santo é uma força emanada de Deus, um poder, uma energia, uma actividade, uma influência, um dom, um meio, uma palavra, algo de abstracto.

Outros teólogos, sem ignorarem estes textos, mas apoiando-se num grande número de passagens bíblicas, mais consideráveis, afirmam que o Espírito Santo possui todos os atributos da personalidade.

Reparemos primeiramente, que o Espírito Santo aparece na Bíblia sob uma vintena de nomes diferentes: Espírito, Espírito do Senhor, Espírito do Eterno, Espírito do Senhor dos Exércitos, Espírito de Deus, Santo Espírito, Espírito de verdade, Espírito de vida, Espírito de graça, Espírito de glória, Consolador, e outros.

Sabemos que há três qualidades particulares que constituem a personalidade: a *inteligência*, a *afectividade* e a *vontade*. Uma personalidade normal possui a faculdade de raciocinar, de amar, e de tomar decisões. E estas três qualidades apresentadas pela Bíblia como pertencendo precisamente ao Espírito Santo. Precisemos de uma forma mais explícita:

1. No que se refere à inteligência, o Espírito Santo *pensa* (I Cor. 2:10, 11; Rom. 8:27), *ouve* (João 16:13), *fala* (Mat. 10:20; João 16:13; Actos 8:29; I Tim. 4:1) *ensina* (Lucas 12:12; João 14:26; 16:12-14; I Cor. 2:4) *testemunha* (João 15:26; Rom. 8:16), *revela* (João 16:13; I Cor. 2:10).

2. No que se refere à vontade, o Espírito Santo *quer* (I Cor. 12:11), *conduz*, *apela* e, por vezes *impede* (Rom. 8:14; Actos 13:2, 4; 16:6, 7), *substitui* (João 14:16, 17; 16:7), *distribui dons* (I Cor. 12:10), *convence* (João 16:8), *habilita-nos para o serviço* (Lucas 24:49; Actos 1:8).

3. No que se refere à afectividade, o Espírito Santo *ama* (Rom. 15:30), *consola* (João 14:16, 26; 15:26; Actos 9:31) por isso Ele é chamado o Consolador. O Espírito Santo *ora* e *intercede* (Rom. 8:26, 27), *convida* o pecador ao arrependimento (Apoc. 22:17).

Vemos assim que o Espírito Santo se apresenta nos estados sucessivos de uma pessoa que *pensa*, que *sente* e que *age*.

Além disto nós podemos resistir ao Espírito Santo (Actos 7:51), entristecê-lo (Isaías 63:10;

Efésios 4:30), mentir-Lhe (Actos 5:3) e até mesmo blasfemar contra Ele, o que constitui um pecado imperdoável (Mat. 12:31, 32).

Em todas estas passagens, e sobretudo na passagem de Mateus 12:31 e 32 (o pecado da blasfémia), não se pode substituir o nome *Espírito Santo* por o de *poder-força*. Como poderá o pecado contra o Espírito Santo ser considerado mais grave do que o cometido contra o Pai ou o Filho, e julgado imperdoável se o Espírito Santo é uma abstracção? Diz Alfred Vaucher: «O carácter irreparável do pecado contra o Espírito Santo explica-se no facto de que cada uma das três pessoas divinas tem uma função importante na obra da salvação: o Pai a preparou, o Filho a realizou, o Filho a realizou, e o Espírito Santo a realiza nos corações».

Concluimos que, ao estudar os atributos do Espírito Santo, e a função que Ele desempenha no Universo, não podemos resistir de Lhe atribuir o privilégio da personalidade. Reparemos que Ele possui a *eternidade* (Heb. 9:14), a *omnipresença* (Salmo 139:7-10), a *omnisciência* (I Cor. 2:10, 11; João 14:26; 16:12, 13) e a *omnipotência* (Zac. 4:6; Luc. 1:35; Actos 1:8; Rom. 15:13, 19). Ele completa uma obra de criação, de consagração, de ressurreição, de formação, de inspiração, etc., numa palavra, *uma obra* que o coloca no mesmo nível, pela Sua natureza e Seus atributos, que a do Pai e a do Filho (conferir Job 33:4; Salmo 104:29, 30; Rom. 1:4; 8:11; I Pedro 3:18; Actos 2:4, 33; II Pedro 1:21; II Samuel 23:2, 3, etc.).

Ora, se o Espírito Santo é uma pessoa, isto não implica necessariamente que nós Lhe demos um corpo, sobretudo um corpo como o nosso. Nós damos com muita facilidade à noção de pessoa um valor antropológico, para o despojarmos do seu valor ontológico. O Espírito Santo não é uma pessoa no sentido filosófico deste conceito e muito menos ainda uma personalidade no sentido restritamente humano. Nós somos seres essencialmente limitados, enquanto que o Espírito Santo, sendo omnipresente, omnisciente, e omnipotente, não é bloqueado pelas realidades do tempo e do espaço. É admissível concebermos a existência de uma

Assine e divulgue a

Revista Adventista

---

---

personalidade, possuindo os atributos completamente ignorados dos homens.

Edmond Rochedieu afirma: «Logo que os teólogos definem o Espírito Santo como uma pessoa, nunca esqueçamos que eles se referem a uma personalidade no sentido restrito do termo, não de uma «pessoa» na concepção filosófica. Esta pessoa, contudo é uma das três pessoas da Trindade, A Uma das «maneiras do ser», e dos «modos de existência» do Deus cristão, A «subsistência», A «residência» que se detém para o término da obra de Cristo.

Para concluir basta consultar «outro» na língua grega que aparece em S. João 14:16: «... Ele vos dará *outro* Consolador». Os gregos tinham duas palavras para este pronome demonstrativo. São elas: «éteros» e «allós». «Éteros», quando uma

coisa ou pessoa especialmente era *diferente em carácter e personalidade*; e «allós», quando eram *iguais em carácter e personalidade*. Na passagem acima referida, está assim escrita: «allon Paraklêton». Tradução: outro Consolador ou Paracleto. Reparemos no pronome «állone». Enquanto Jesus estava com os Seus discípulos, Ele era o Consolador por excelência, mas depois da Sua partida, viria alguém igual a Ele em carácter e personalidade. Esse foi o Espírito Santo.

Substituindo todas as vezes que aparece a palavra Espírito Santo pela palavra *força activa*, é cair no ridículo. Aceitemos o Espírito Santo tal qual Ele é apresentado nas Escrituras, e deixemo-nos guiar por essa personalidade divina, a qual é o único substituto de Jesus.

---

---

**HENRIQUE BERG**

## Cultos e Domingos

Devemos ter cultos aos Domingos à noite? Qual é a sua opinião? É agradável passear com a família durante esse dia, brincar com os filhos e desfrutar algo novo sem ter que preocupar-se com a pregação da noite. Por conseguinte, é muito mais cómodo manter fechadas as portas da igreja aos Domingos à noite, não é verdade?

Alguns missionários poderão considerar que os irmãos têm necessidade de estar com a sua família, e que já há cultos suficientes aos sábados, quartas-feiras e nas reuniões dos jovens MV, e perguntarão indubitavelmente a si mesmos: Porquê outra reunião? Como salvaguarda do aspecto económico, sentir-se-ão inclinados a inferir: Não abrindo a igreja aos Domingos, haverá menos gastos de electricidade, menos trabalho de limpeza para o encarregado de fazê-la, e, além disso, posso deitar-me mais cedo a fim de estar bem descansado para os trabalhos da Segunda-feira.

Será essa a atitude de um pregador que sente a responsabilidade da urgência de terminar a obra e o respeito pela sublime vocação como ministro de Deus, e que deve manifestar amor pelas almas que se perdem? Não! Não o creio! Um ministro buscará todos os recursos possíveis para atrair a maior quantidade de almas, e os aplicará da maneira mais sábia para resgatá-las do pecado e conduzi-las ao Reino de Deus.

Na ânsia de obter lucros, os filhos das trevas instalam as suas casas comerciais nos lugares mais concorridos, abrem-nas durante as horas de maior movimento e as adornam da melhor maneira pos-

sível, a fim de torná-las atraentes. Não se espera que os filhos da luz sejam mais sagazes que os filhos das trevas? Para Deus, uma alma vale mais do que casas, terrenos e toda a riqueza acumulada da Terra.

Domingo à noite é o momento oportuno quando a maioria das pessoas está mais inclinada a buscar alguma coisa com que saciar a sua sede de algo melhor. É aos Domingos à noite que os cinemas estão mais cheios, os teatros mais concorridos, as praças e avenidas mais frequentadas. Certo Domingo à noite, aqui em Miraflores, Lima, passando casualmente na frente da igreja católica situada na praça central, fiquei surpreso ao observar a quantidade de pessoas que havia na entrada, nos corredores e nas portas laterais. Detive-me para ver o que se passava. Celebrava-se a missa, e nada mais. Outro Domingo à noite pude observar que, da igreja católica de Surquillo, saía da missa uma multidão tão grande que quase paralisava o trânsito. Decidi verificar se as igrejas evangélicas tinham cultos aos Domingos à noite; das quatro igrejas que visitei entre as oito e as nove horas, três estavam abertas; a única fechada era a anglicana, e das três que se achavam abertas, duas tinham todos os assentos ocupados e muitas pessoas estavam em pé.

Fiquei pensando: *Que Tragédia* a dos ministros adventistas: têm a mensagem de Deus para este tempo, mas estão cedendo à tentação de cerrar as portas da igreja aos Domingos à noite! Se considerarmos que a construção do templo significa uma inversão de vinte e cinco ou trinta mil dólares em infra-estrutura, que se este dinheiro houvesse sido economizado e posto numa conta bancária, daria um juro a prazo fixo de 750 dólares mensais, e se considerarmos além disso o salário de um homem

---

---

**HENRIQUE BERG**

Presidente da União Incaica

pago com o santo dízimo, só para pregar com o fim de ganhar almas, e ... se agora observamos a igreja fechada na hora mais apropriada de toda a semana para receber as pessoas, perceberemos por que escrevi a palavra *tragédia* em itálico.

Meu irmão no santo ministério, permitiremos que esta praga de igrejas fechadas as Domingos à noite penetre no nosso meio? *Não, nunca!* Levantemo-nos com coragem contra esta onda de conformismo, mornidão laodiceana e comiseração pessoal. Diz a irmã White: «O Domingo pode ser empregado para desenvolver vários ramos de trabalho que muito farão em proveito do Senhor. Podem realizar-se nesse dia reuniões ao ar livre, ou em casas de família. Pode fazer-se trabalho de casa em casa. Os que escrevem, podem consagrar esse dia para redigir seus artigos. Realizem-se cultos religiosos no Domingo, sempre que possível. Tornem-se essas reuniões vivamente interessantes. Cantem-se verdadeiros hinos de reavivamento, e fale-se com firmeza e poder do amor de Cristo. Fale-se acerca da temperança e da religião genuína. Deste modo aprenderéis muito acerca de como trabalhar, e alcançareis muitas almas.

«Dediquem os professores em nossas escolas o Domingo a trabalhos missionários. Fui instruída de que seriam assim capazes de derrotar os propósitos do inimigo. Tomem os professores consigo os estudantes, para realizarem reuniões em favor dos que não conhecem a verdade. Deste modo realizarão muito mais do que conseguiriam de outra maneira.» — *Testemunhos Selectos*, vol. 3, pág. 396.

Medite bem no que você acaba de ler: «Reuniões vivamente interessantes»; «fale-se com firmeza e poder do amor de Cristo»; «cantem-se verdadeiros hinos de reavivamento»; «fale-se acerca da temperança e da religião genuína»; «aprenderéis muito acerca de como trabalhar, e alcançareis muitas almas»; «derrotar os propósitos do inimigo»; «reuniões em favor dos que não conhecem a verdade»; «realizarão muito mais do que conseguiriam de outra maneira».

Não resta dúvida de que se os evangelistas de êxito têm as suas igrejas cheias hoje, isto deve-se ao facto de terem aproveitado as noites de Domingo no passado. Aprenderam a arte da pregação, pertence-lhes o baptismo do Espírito Santo. Não vivem duvidando da sua vocação, nem são indecisos quanto ao futuro. E você companheiro, quer fracassar ou ter êxito?

Algumas técnicas para encher as igrejas aos Domingos à noite são as seguintes:

1. Organize os programas para o Domingo à noite tal como sugere a irmã White: que sejam superinteressantes para as pessoas, com temas de cristianismo prático.

2. Cada Domingo deve produzir nos ouvintes irresistível interesse e curiosidade pelo próximo programa.

3. Aproveite ao máximo a surpresa, o inesperado, a curiosidade e o interesse. Siga uma sequência de assuntos, mas deve haver sempre um programa variado. Pelo menos cada sete minutos, apresente uma surpresa, um diapositivo, um cântico, uma entrevista, algo raro e novo.

4. Aos Sábados anuncie à igreja o assunto de Domingo à noite. Diga aos membros da sua igreja por que Satanás não quer que as pessoas ouçam o que será apresentado no Domingo à noite. Não solicite que assistam, mas somente que venham toda a cidade para ouvir a pregação; e pregue como um Lutero!

5. Imagine previamente o auditório e tenha algo para todos: cristãos, ateus, indiferentes; jovens, anciãos, crianças, adultos; sãos e enfermos; imorais e fariseus; iletrados e eruditos; pobres e ricos; pessoas da cidade ou do campo. Tenha seriedade e sorrisos; severidade e humor; e, acima de tudo, forte motivação para uma vida melhor.

6. Para as reuniões, aproveite ao máximo a publicidade: a rádio, os periódicos, cartazes, anúncios, etc. Que toda a cidade saiba que você existe e que pregará sobre determinado assunto no Domingo à noite.

7. A igreja deve estar bem iluminada, tanto por dentro como por fora, com abundante luz como o sol do meio-dia. A luz atrai as pessoas.

8. Ore muito.

Se seguir estes conselhos, garanto-lhe que terá êxito. Em meu primeiro distrito missionário, eu tinha dificuldade para encher a igreja aos Domingos à noite, mas havia uma velhinha muito fiel que nunca faltava aos cultos. No entanto, bastava que eu começasse a falar para que ela se entregasse totalmente nos braços de Morfeu (deus do sono na mitologia grega); não sei que pregador lhe ensinou esse costume. Um dia, li que quando os ouvintes dormem, é mister despertar o pregador, e decidi fazer da irmãzinha dorminhoca o termómetro de minha pregação. Enquanto pregava para toda a congregação, sempre tinha um olho na velhinha, para não permitir que fechasse os olhos. Não podem imaginar quanto me ajudou essa irmã. Muitas vezes fez-me voltar para casa derrotado, mas inventei tantas coisas para mantê-la interessada que finalmente fui vitorioso; e quando consegui mantê-la desperta durante a minha pregação, a igreja estava cheia; os baptismos multiplicaram-se, e conseqüentemente, tornou-se mais fácil alcançar os alvos. Ela não sabe quanto me ajudou. O presidente do Campo pensou que eu era um génio, mas nunca soube o que aquela anciã havia significado para mim.

Prezado irmão pregador, não seja um fracassado; pense, ajoelhe-se, abra as portas da sua igreja aos Domingos à noite. Convide as multidões a ouvi-lo! Por que pregar para cem se pode fazê-lo para mil? Siga o conselho do Espírito de Profecia. Que o Senhor o cumule de bênçãos!

## Uma Reunião Histórica – (conclusão)

A seguinte declaração sobre os ensinamentos denominacionais fundamentais acerca de Cristo e do Seu ministério como Sumo Sacerdote foi formulada e aceita pela Comissão de Reexame da Doutrina do Santuário, em Glacier View Ranch, Colorado, 10 a 15 de Agosto de 1980.

A doutrina de Cristo nosso Sumo Sacerdote no santuário celeste traz-nos segurança e esperança. Deu significado às vidas dos pioneiros da Igreja Adventista do Sétimo Dia; ela continua sendo um frutuoso campo para nossa contemplação e crescimento espiritual.

Este ensino distintivo foi reafirmado na Declaração de Crenças Fundamentais adotada pela sessão da Conferência Geral em Dallas, em Abril de 1980. Nossa constante convicção foi aí expressa nos seguintes termos:

«Há um santuário no Céu, o verdadeiro Tabernáculo que o Senhor fundou e não o homem. Nele Cristo ministra em nosso favor, tornando acessíveis aos crentes os benefícios do Seu sacrifício expiatório oferecido uma vez por todas sobre a cruz. Ele foi investido como nosso Sumo Sacerdote e começou o Seu ministério intercessório por altura da Sua ascensão. Em 1844, no fim do período profético de 2 300 dias, entrou na segunda e última fase do Seu ministério expiatório. É uma obra de juízo investigativo, que é parte da destituição final de todo o pecado, tipificado pela purificação do antigo santuário hebraico no Dia da Expição. Nesse serviço típico o santuário era purificado com o sangue de sacrifícios de animais, mas as coisas celestiais são purificadas com o sacrifício perfeito do sangue de Jesus. O juízo investigativo revela às inteligências celestiais quem são os que dentre os mortos dormiram em Cristo e, portanto, n'Ele são julgados dignos de ter parte na primeira ressurreição. Também torna manifesto quem dentre os vivos são os que permanecem em Cristo, guardando os mandamentos de Deus e a fé de Jesus, e n'Ele, portanto, estão aptos para a transladação para o Seu reino eterno. Este juízo reivindica a justiça de Deus em salvar os que crêem em Jesus. Declara que aqueles que permanecerem leais a Deus receberão o reino. O encerramento deste ministério de Cristo assinalará o termo do tempo de prova humana antes do Segundo Advento.»

O presente escrito é uma elaboração da declaração de Dallas. Apresenta o consenso da Comissão de Reexame da Doutrina do Santuário, que se reuniu de 10 a 15 de Agosto de 1980, em Glacier View Ranch, Colorado. A Comissão procurou fazer uma séria e franca apreciação das nossas posições históricas, avaliando-

-as à luz de críticas e interpretações alternativas que foram sugeridas. Tais sugestões são benéficas na medida em que nos compelem a estudar, nos forçam a clarificar a nossa compreensão, e nos levam assim a penetrar e a apreciar mais profundamente as verdades que moldaram o Movimento Adventista.

Assim a doutrina do santuário, que significou tanto para os primeiros Adventistas, brilha sobre os crentes nos nossos dias. Vê-la mais claramente é ver a Cristo mais claramente; e esta visão reavivará a vida cristã e dará poder à nossa pregação e testemunho.

### I. O SIGNIFICADO DA DOCTRINA

Embora o simbolismo do santuário seja preeminente ao longo das Escrituras, sendo Cristo como Sumo Sacerdote a ideia dominante do Livro de Hebreus, o pensamento cristão tem prestado relativamente pouca atenção a este assunto. No século dezanove, porém, houve um súbito florescimento de interesse em Cristo no santuário celeste. Os nossos pioneiros reuniram as ideias de Levítico, Daniel, Hebreus, Apocalipse e outras escrituras numa síntese teológica única que combinava o sumo sacerdócio de Cristo com a expectativa do fim da História. Cristo não estava apenas ministrando no santuário celeste; Ele tinha entrado na fase final desse ministério, correspondente ao Dia da Expição de Levítico 16.

Desde os primeiros Adventistas do Sétimo Dia esta nova doutrina foi «a chave que desvendou o mistério do desapontamento de 1844» (*O Grande Conflito*, pág. 423). Foi o meio pelo qual esses firmes crentes na iminente volta de Jesus podiam explicar as suas irrealizadas expectativas. Deu-lhes um novo sentido de identidade religiosa; encheu as suas vidas de significado, porque «revelou um conjunto completo de verdades, ligadas harmoniosamente entre si e mostrando que a mão de Deus dirigia o grande movimento do advento e apontara novos deveres ao trazer a lume a posição e obra do Seu povo» (*Idem*). Assim puderam ver que, embora se tenham enganado, não tinham sido completamente iludidos; tinham ainda uma missão e uma mensagem.

A crença de que Cristo é nosso Sumo Sacerdote no santuário celeste não é uma relíquia do nosso passado adventista; ilumina todas as outras doutrinas; traz Deus e a Sua salvação «perto» de nós numa maneira que nos dá «inteira certeza» (Heb. 10:22); mostra-nos que Deus está ao nosso lado.

No Céu há Alguém que «vive sempre para interceder» por nós (Heb. 7:25). Ele é Jesus, nosso Sumo Sacerdote, que «nos dias da Sua carne» (cap. 5:7) sofreu, suportou a prova, e morreu por nós. Ele pode «compadecer-Se das nossas fraquezas» (cap. 4:15) e envia auxílio oportuno desde o trono da graça (cap. 2:18; 4:16). Assim podemos ir ousadamente à presença de Deus, sabendo que somos aceitos pelos méritos do nosso Mediador.

A doutrina do santuário dá-nos uma nova visão de nós mesmos. A humanidade, apesar da sua fraqueza e rebelião, é importante para Deus e é amada supremamente por Ele. Deus mostrou o Seu interesse por nós ao assumir a natureza humana e ao levá-la para sempre na pessoa de Cristo, nosso Sumo Sacerdote celeste. Nós somos o povo do Sacerdote, a comunidade de Deus que vive para O adorar e produzir fruto para Sua glória.

Esta doutrina abre também uma nova perspectiva sobre o mundo. Vêmo-la como parte de uma luta cósmica, a «grande controvérsia» entre o bem e o mal. O santuário celeste é a sede divina nesta luta; garante que a seu tempo o mal não existirá mais, e Deus será tudo em todos (I Cor. 15:28). Sua obra de juízo através do santuário resulta num povo remido e num mundo recriado.

## II. AS FONTES DA NOSSA COMPREENSÃO

Embora o tema do santuário percorra a Escritura, apresenta-se mais claramente em Levítico, Daniel, Hebreus e Apocalipse. Estes quatro livros, que atraíram a atenção dos primeiros Adventistas, continuam sendo o foco do nosso progressivo estudo do santuário celeste.

Em termos de ênfase, estes livros vão aos pares. Levítico e Hebreus ocupam-se primariamente das funções sacerdotais associadas com o santuário, Daniel e Apocalipse, a actividade divina no santuário até ao fim do mundo. Assim podemos dizer que a ênfase principal do primeiro par é sobre a intercessão, ao passo que a ênfase do segundo é sobre o juízo.

O livro de Levítico descreve os vários serviços do santuário do Velho Testamento. Lemos acerca dos sacrifícios contínuos, apresentados cada manhã e cada tarde, pelo povo de Israel (Lev. 6:8-13). Lemos também de vários tipos de ofertas individuais para expressar confissão, acção de graças, e consagração (caps. 1-7). E o clímax de todo o sistema de sacrifícios, o Dia da Expição, é descrito em pormenor (cap. 16).

O livro de Hebreus compara e contrasta estes serviços com o sacrifício de Jesus Cristo no Calvário (caps. 9:1 - 10:22). Declara que pela Sua morte sofrida uma vez por todas Jesus realizou o que as repetidas ofertas de Israel nunca podiam efectuar. Ele é a realidade simbolizada

pelos sacrifícios do Dia da Expição, bem como por todos os serviços antigos. Embora se tenha sugerido que estas referências em Hebreus mostram que o Dia da Expição escatológico começou na cruz, Hebreus na realidade não se ocupa com a questão de tempo; concentra-se antes na completa suficiência do Calvário. Para respostas às nossas perguntas quanto à cronologia dos acontecimentos no santuário celeste, olhamos para os livros de Daniel e Apocalipse. Em particular as «profecias cronológicas» de Daniel 7 a 9 permanecem cruciais para a compreensão adventista do santuário. Apontam, para além do primeiro advento de Cristo, para a obra final do Juízo de Deus desde o santuário celeste.

O significado preciso das profecias do Velho Testamento é um assunto que requer progressivo estudo. Esta investigação deve procurar ser verdadeira quanto à variada natureza das profecias individuais, tomar em conta as diferentes perspectivas dos leitores (no Velho Testamento, Novo Testamento, e tempos modernos), discernir o intento divino nas profecias, e manter a tensão entre a soberania divina e a liberdade humana. Além disso, o estudo deve dar devido peso ao forte e disseminado senso do iminente Segundo Advento que encontramos no Novo Testamento (p. ex., Rom. 13:11, 12; I Cor. 7:29, 31; Apoc. 22:20).

Os escritos de Ellen White também contêm muito material que trata de Cristo no santuário celeste (p. ex., *O Grande Conflito*, págs. 329-345, 385-394, 467-542). Eles salientam o significado dos acontecimentos de 1844 no plano divino, e dos acontecimentos finais que procedem do trono de Deus. Estes escritos não foram, porém, para os nossos pioneiros a fonte da doutrina do santuário; estes antes confirmaram e suplementaram as ideias que os primeiros adventistas estavam achando na própria Bíblia. Hoje reconhecemos a mesma relação: os escritos de Ellen White fornecem confirmação da nossa doutrina de Cristo no santuário celeste e suplementam a nossa compreensão dela.

No restante deste escrito, oferecemos uma breve explicação desta doutrina. O material bíblico sobre que está baseada a doutrina cai em duas fases relacionadas. Voltamo-nos agora para a primeira delas: a intercessão.

## III. O MINISTÉRIO INTERCESSÓRIO DE CRISTO

O sistema sacrificial do Velho Testamento foi dado por Deus. Foi o caminho da salvação pela fé para aqueles tempos, educando o povo de Deus quanto ao terrível carácter do pecado e apontando para a maneira como Deus no futuro porá termo ao pecado.

Mas não havia eficácia nesses múltiplos sacrifícios como tais. O pecado é uma ofensa

moral; não pode ser solucionado pela morte de animais. «É impossível que o sangue dos touros e dos bodes tire os pecados» (Heb. 10:4). Só em Jesus Cristo pode o pecado ser removido. Ele é não só o nosso Sumo Sacerdote, é também o nosso Sacrifício. Ele é «o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo» (João 1:29), o Cordeiro Pascal sacrificado por nós (I Cor. 5:7), o Ser designado por Deus cujo sangue é uma expiação pelos pecados de toda a humanidade (Rom. 3:21-25).

À luz de Jesus Cristo todos os serviços do santuário do Velho Testamento encontram o seu verdadeiro significado. Agora sabemos que o santuário hebreu como tal era apenas uma figura, um símbolo do verdadeiro santuário «o qual o Senhor fundou, e não o homem» (Heb. 8:2; 9:24), uma realidade muito mais gloriosa do que as nossas mentes podem compreender (*Patriarcas e Profetas*, pág. 370). Agora sabemos que todos os sacerdotes levíticos e sumos sacerdotes araônicos eram apenas prefiguração d'Aquele que é o grande Sumo Sacerdote porque é em Si mesmo tanto Deus como homem (cap. 5:1-10). Agora sabemos que o sangue de animais cuidadosamente escolhidos de maneira que não tivessem defeito nem mancha (p. ex., Lev. 1:3, 10), era símbolo do sangue do Filho de Deus, que, morrendo, por nós, nos purifica do pecado (I Pedro 1:18, 19).

Esta primeira fase do ministério celeste de Cristo não é uma fase passiva. Como nosso Mediador, Jesus oferece continuamente os benefícios do Seu sacrifício por nós. Ele dirige os assuntos da Igreja (Apoc. 1:12-20). Envia o Espírito Santo (João 16:7). Ele é o dirigente das forças do bem no grande conflito com Satanás (Apoc. 19:11-16). Ele recebe a adoração do Céu (cap. 5:11-14). Ele mantém o Universo (Heb. 1:3; Apoc. 3:21).

Todas as bênçãos fluem da contínua eficácia do sacrifício de Cristo. O livro de Hebreus salienta as suas duas grandes conseqüências: proporciona acesso imediato à presença de Deus e remove inteiramente o pecado.

Apesar da importância do santuário do Velho Testamento, ele representava acesso limitado a Deus. Só os que haviam nascido para o sacerdócio podiam entrar nele (Heb. 9:1-7). Mas no santuário celeste Cristo abriu-nos a porta para a própria presença de Deus; pela fé vamos ousadamente ao trono da graça (cap. 4:14-16; 7:19; 10:19-22; 12:18-24). Assim os privilégios de cada cristão são ainda maiores do que os dos sumos sacerdotes do Antigo Testamento.

Não há nenhum passo intermédio na nossa aproximação de Deus. Hebreus salienta o facto de que o nosso grande Sumo Sacerdote está à própria mão direita de Deus (cap. 1:3), «no mesmo Céu ... perante a face de Deus» (cap. 9:24). A linguagem simbólica do Lugar Santíssimo, «o

interior do véu», é usada para nos assegurar do pleno, direito e livre acesso a Deus (cap. 6:19-20; 9:24-28; 10:1-4).

E agora não há necessidade de mais ofertas e sacrifícios. Os sacrifícios do Velho Testamento eram «imperfeitos», isto é, incompletos, incapazes de pôr termo final ao pecado (cap. 9:9). A própria repetição dos sacrifícios significava a sua imperfeição (cap. 10:1-4). Em contraste, o Sacrifício designado por Deus realizou o que os antigos sacrifícios não podiam, e assim os levou ao seu termo (cap. 9:13, 14). «Todo o sacerdote aparece cada dia, ministrando e oferecendo muitas vezes os mesmos sacrifícios, que nunca podem tirar os pecados; mas Este, havendo oferecido um único sacrifício pelos pecados, está assentado para sempre à dextra de Deus» (cap. 10:11, 12).

Assim o Calvário tem um valor permanente. Como nenhum outro acontecimento da História, é imutável em seu poder. É eternamente presente, porque Jesus Cristo, que morreu por nós, continua a fazer intercessão por nós no santuário celeste (cap. 7:25).

É por isso que o Novo Testamento proclama confiança. Com tal Sumo Sacerdote, com tal Sacrifício, com tal intercessão, temos «inteira certeza» (cap. 10:22). Nossa confiança não está em nós mesmos — no que temos feito ou no que podemos fazer — mas n'Ele e no que Ele fez e ainda faz.

Esta certeza nunca pode considerar levemente o Sacrifício que a proporcionou. Ao olharmos pela fé para Jesus no santuário celeste — o nosso santuário — e para os serviços que Ele ali realiza, recebemos o poder do Espírito para viver vidas santas e para dar um testemunho urgente ao mundo. Sabemos que é uma coisa terrível desfazer o sangue que nos remiu (caps. 6:4-6; 10:26-31; 12:15-17).

A fase final do ministério de Cristo no santuário celeste é a do juízo, vindicação e purificação. Deve, porém, tornar-se claro para nós que, enquanto Cristo é Juiz, continua sendo ainda nosso Intercessor. Vejamos primeiro o tempo do juízo e depois a sua natureza.

#### IV. O TEMPO DO JUÍZO

O período profético de 2 300 dias (Daniel 8:14) continua sendo uma pedra angular da compreensão adventista do juízo final. Embora esta parte da nossa doutrina do santuário seja o que é mais frequentemente discutida, um estudo cuidadoso das críticas à luz das Escrituras confirma a sua importância e validade.

Três aspectos desta profecia, especialmente, têm sido postos em dúvida: a relação ano-dia; o significado da palavra traduzida por «purificado» (Daniel 8:14) e a sua relação com o Dia da Expição (Lev. 16); e o contexto da profecia.

A relação ano-dia pode ser bíblicamente apoiada, embora não seja explicitamente identificada como um princípio de interpretação profética. Parece óbvio, porém, que certos períodos de tempo proféticos não foram escritos para serem interpretados literalmente (p. ex., os curtos períodos de Apocalipse 11:9, 11). Além disso, o Antigo Testamento fornece ilustrações da equivalência ano-dia em simbolismo (Gén. 29:27); Núm. 14:34; Eze. 4:6; Dan. 9:24-27). A relação ano-dia também é reconhecível na conexão de Daniel 8 e 9. Encontra-se apoio adicional em profecias paralelas dos 1 260 dias-anos em Daniel e Apocalipse (Dan. 7:25; Apoc. 12:14; 13:5). Visto que a profecia de Daniel 8 é paralela às dos capítulos 2, 7 e 11, 12, todos eles culminando com o reino de Deus no fim da História, é lógico esperar que o período representado pelos 2 300 dias atinja o tempo do fim (Dan. 8:17). Isso torna-se-nos possível pela aplicação exegética da relação ano-dia.

Segundo várias versões mais antigas da Bíblia, no fim dos 2 300 anos o santuário deve ser «purificado». A palavra hebraica aqui é *nitsdaq*, que tem uma ampla gama de significados possíveis. A ideia básica é «rectificar», «justificar», «vindicar» ou «restaurar»; mas «purificar» e «limpar» podem ser incluídos dentro da sua gama conceptual. Em Daniel 8:14 é evidente que a palavra denota o oposto do mal causado pelo poder simbolizado pela «ponta pequena», e daí provavelmente deve traduzir-se «restaurado». Embora não haja, portanto, uma forte ligação verbal entre este versículo e o ritual do Dia da Expição de Levítico 16, as passagens estão, não obstante, relacionadas pelas suas ideias paralelas de rectificar o santuário dos efeitos do pecado.

Daniel 8 apresenta o problema contextual de como relacionar exegeticamente a purificação do santuário no fim dos 2 300 dias com as actividades da «ponta pequena» durante os 2 300 dias. Este poder ímpio lança por terra o lugar do santuário (Dan. 8:11) e ocasiona assim a necessidade da sua restauração ou purificação. A «ponta pequena» está, porém, na terra,

ao passo que entendemos que o santuário está no Céu. Mas um cuidadoso estudo de Daniel 8:9-26 aponta para uma solução desta dificuldade. Torna-se claro que o Céu e a Terra estão inter-relacionados, de maneira que os ataques da «ponta pequena» têm um significado tanto cósmico como histórico. Deste modo podemos ver como a restauração do santuário celeste corresponde à — e é um reverso da — actividade terrestre da «ponta pequena». Mas embora creiamos que a nossa interpretação de Daniel 8:14 seja válida, desejamos encorajar progressivo estudo desta importante profecia.

A nossa convicção de que o fim do período profético de 2 300 dias em 1844 assinala o começo de uma obra de juízo no Céu é apoiada pelo paralelismo de Daniel 8 com Daniel 7, que explicitamente descreve tal obra, e pelas referências ao juízo celestial no livro de Apocalipse (caps. 6:10; 11:18; 14:7; 20:12, 13).

Assim o nosso estudo reforça a nossa crença de que temos de facto chegado ao tempo do juízo pré-Advento, que historicamente temos chamado «juízo investigativo». Ouvimos de novo o chamado de Deus para proclamar o evangelho eterno em todo o mundo porque «vinda é a hora do Seu juízo» (Cap. 14:6, 7).

## V. A NATUREZA DO JUÍZO

O ensino do «juízo vindouro» tem uma firme base na Escritura (Ecle. 12:14; João 16:8-11; Act. 24:25; Heb. 9:27; etc.). Para o crente em Jesus Cristo, a doutrina do juízo é solene mas encorajadora, porque o juízo é a própria intervenção de Deus no curso da história humana para rectificar todas as coisas. É o descrente que vê neste ensino um motivo de terror.

A obra do juízo divino procedente do santuário celeste tem dois aspectos: Um centraliza-se no povo de Deus na Terra; o outro envolve todo o Universo ao trazer Deus a uma conclusão feliz a grande luta entre o bem e o mal.

A Escritura diz-nos que «todos devemos comparecer ante o tribunal de Cristo» (II Cor.

# LIVRARIA DA IGREJA ADVENTISTA

ESTAS, E MUITAS OUTRAS  
OFERTAS SENSACIONAIS

**Saiba viver melhor!**  
certifique-se desta afirmação.

- LIVROS MAGNÍFICOS
- CARTÕES POSTAIS
- DISCOS
- CASSETES
- JOGOS BÍBLICOS

 Para si e seus filhos

à Rua Joaquim Bonifácio, 17 LISBOA

5:10), e que devemos dar conta de toda «a palavra ociosa» (Mat. 12:36). Este aspecto dos acontecimentos do tempo do fim revela quem são os de Deus (ver *O Grande Conflito*, págs. 385-394). A abarcante questão tem que ver com a decisão que temos feito com respeito a Jesus, o Salvador do mundo. O ter aceite a Sua morte em nosso favor é ter passado já da morte para a vida, da condenação para a salvação; o tê-lo rejeitado é estar auto-condenado (João 3:17, 18). Assim este juízo do tempo do fim no termo do período dos 2 300 dias revela a nossa relação com Cristo, patenteada na totalidade das nossas decisões. Indica a operação da graça em nossas vidas ao termos respondido ao Seu dom da salvação; mostra que Lhe pertencemos.

A obra do julgamento dos santos é parte da erradicação final do pecado do Universo (Jer. 31:34; Dan. 12:1; Apoc. 3:5; 21:27). No termo do tempo de prova, logo antes dos acontecimentos finais da história da nossa Terra, o povo de Deus será confirmado em justiça (Apoc. 22:11). A actividade divina desde o santuário celeste (cap. 15:1-8) proporcionará a sequência dos acontecimentos que por fim expurgarão o Universo de todo o pecado e de Satanás, seu originador.

Para o filho de Deus, o conhecimento da intercessão de Cristo no juízo traz encorajamento, não ansiedade. Ele sabe que Alguém Se levanta em nosso favor, e que a obra do juízo está nas mãos do seu Intercessor (João 5:22-27). Na justiça de Cristo o cristão está seguro no juízo (Rom. 8:1). Mais ainda, o juízo anuncia a hora da transição da fé para a vista, dos cuidados e frustrações terrestres para a alegria e plenitude eternas na presença de Deus.

O juízo de Deus tem, porém, que ver com algo mais do que a nossa salvação pessoal; tem um objectivo cósmico. Desmascara o mal e todos os sistemas maus. Expõe a hipocrisia e a fraude. Restitui ao Universo o domínio do direito. Sua palavra final é um novo Céu e uma nova Terra, em que habita a justiça (II Pedro 3:13), um puro canto de amor da criação ao Criador. (*Idem*, págs. 531-542).

E neste acto do juízo divino, mostra-se que o próprio Deus é absolutamente justo. A resposta universal aos Seus actos finais desde o santuário celeste é: «Grandes e maravilhosas são as Tuas obras, Senhor Deus todo-poderoso! Justos e verdadeiros são os Teus caminhos, ó Rei dos santos!» (Apoc. 15:3).

#### O PAPEL DOS ESCRITOS DE ELLEN G. WHITE EM ASSUNTOS DOUTRINÁRIOS

A Igreja Adventista do Sétimo Dia desde o seu início tem reconhecido a existência dos dons do Espírito tal como foi prometido por nosso

Senhor para a edificação do corpo de Cristo. Entre esses dons encontra-se o dom de profecia (Efés. 4:10-13). A seguinte declaração sobre o dom de profecia foi adoptada na sessão da Conferência Geral em Abril de 1980, como parte da Declaração de Doutrinas Fundamentais:

«Um dos dons do Espírito Santo é a profecia. Este dom é um sinal distintivo da igreja remanescente e foi manifestado no ministério de Ellen G. White. Como mensageira do Senhor, os seus escritos são uma constante e autorizada fonte de verdade e proporcionam à igreja encorajamento, guia, instrução e correcção. Tornam também claro que a Bíblia é o padrão pelo qual deve ser aferido todo o ensino e experiência.»

As Escrituras do Velho e do Novo Testamento são divinamente inspiradas. Este cânon da Escritura é a norma de fé e prática. Ellen G. White foi inspirada no mesmo sentido em que o foram os profetas bíblicos, mas o seu ministério e escritos foram dados para exaltar a Bíblia. Os escritos de Ellen G. White, por seu próprio testemunho, não pretendem dar nova doutrina, mas dirigir as mentes para as verdades já reveladas na Escritura (*Testimonies*, vol. 5, págs. 663-665; *Primeiros Escritos*, pág. 78).

Embora as doutrinas fundamentais da igreja estejam estruturadas sobre a autoridade de escritores bíblicos, uma maior compreensão e aprofundamento para o seu pleno desenvolvimento pode encontrar-se nos escritos de Ellen G. White. Estes escritos também confirmam a verdade bíblica, sem no mínimo pretenderem impedir séria investigação baseada sobre seus princípios de interpretação.

Reconhecendo que a operação do Espírito Santo na vida e escritos de Ellen G. White durante um período de aproximadamente 70 anos resultou num crescimento da sua compreensão da Bíblia e das actividades de Deus em favor da humanidade, cremos que a sua autoridade transcende a de todos os intérpretes não inspirados.

Vemos necessidade de uma cuidadosa exposição dos escritos de Ellen G. White. Nem todos os seus usos da Escritura pretenderam apresentar uma exposição escrita do texto bíblico. Por vezes ela emprega a Escritura homileticamente. Outras vezes, desprende passagens do seu contexto bíblico para aplicações especiais. Ainda outras vezes, ela pode usar linguagem bíblica apenas como estilo literário. O contexto total e a situação na vida de Ellen G. White, com atenção ao tempo e lugar, devem sempre ser tomados em consideração.

Afirmamos que os escritos de Ellen G. White são significativos para os nossos dias como ela própria sublinha ao afirmar: «Seja ou não poupada a minha vida, meus escritos falarão sem cessar, e sua obra irá avante enquanto o tempo durar.» — *Mensagens Escolhidas*, livro 1, pág. 55.

## Os Pais e a Escola

Educar é, sem dúvida, a tarefa mais difícil nos dias de hoje e, por isso mesmo, o cristão não deve tentar fazê-lo sem a ajuda de Deus e sem conhecer e compreender a sua vontade.

É de primordial importância para o êxito dessa tarefa que os pais tenham com a escola e com os professores uma relação de compreensão e entreadjuada para, juntos, se esforçarem no sentido de beneficiar as crianças e de as auxiliar no desenvolvimento de caracteres bem formados e tementes a Deus.

Muitos pais têm a tendência de se desligarem da escola e de divorciarem completamente o que lá se passa, do que se passa no lar. Esta atitude é errada. Deve haver contacto íntimo entre os pais e o professor responsável pela turma, para melhor analisarem e compreenderem a criança. Muitas crianças poderiam ser ajudadas se esse contacto existisse ou fosse mais frequente. Os pais devem comparecer na escola sempre que para tal sejam convocados, quer em particular, quer para uma reunião de pais, por muito transtorno que isso lhes possa causar na sua vida particular e por muito pouco conveniente que lhes seja a hora marcada. E é pena que alguns ponham em primeiro lugar os negócios ou o comodismo de ficar em casa. É de maior importância para o professor conhecer bem o carácter dos alunos e as suas peculiaridades comportamentais em casa, bem como pequenos ou grandes problemas que por vezes os envolvem. Estes elementos podem unicamente ser dados pelos pais que, ao contactarem com o professor, podem também eles ser enriquecidos sobre o modo de lidarem com os filhos ou animados nos seus problemas respeitantes aos mesmos.

Por vezes, certos pais tendem a responsabilizar totalmente a escola pela educação dos filhos. Isto é pedir demasiado. Vejamos o que nos diz Ellen White: «Na formação do carácter, nenhuma influência representa tanto como a do lar. O trabalho do professor deve suplementar o dos pais, mas não substituí-lo. Em tudo que respeita ao bem-estar das crianças, devem os pais e professores esforçar-se no sentido de cooperar.» — *Educação*, pág. 283.

Ao professor de hoje depara-se um grande problema: a oposição, por parte de alguns pais, a qualquer forma de correcção ou reprovação que por vezes se torna necessário fazer às crianças. Estas voltam para casa queixando-se das «injustiças» dos professores. Seria bom que os pais não dessem ouvidos a essas queixas, geralmente exageradas e unilaterais, e tentassem saber a história dos dois lados, antes de começarem a espalhar comentários negativos acerca do professor ou da escola em geral. A maior parte das vezes apenas se fez cumprir o regulamento da escola.

Muitos pais, baseados nas informações dos filhos, criticam na presença destes, a escola e os professores. Esta atitude irá roubar toda a autori-

dade que o professor e a escola deveriam ter sobre a criança. Se julgarem haver algo a criticar devem fazê-lo em particular, falando directamente com o professor em causa ou com o director da escola e sem a criança saber. O bem que poderia ser feito pela escola a muitas crianças que no lar têm educação defeituosa, sem disciplina, é desfeito pela condescendência paterna e os professores, por vezes, em vez de lutarem apenas contra as más tendências das crianças, têm de lutar também contra a má influência que sobre elas exercem os pais.

Devem os pais prestar atenção às seguintes palavras da irmã White: «Caso os pais se colocassem na posição dos professores e vissem quão difícil tem de ser o dirigir e disciplinar uma escola de centenas de alunos de todas as séries e de todos os feitos mentais, talvez, com reflexão, vissem os factos de maneira diversa. Cumpre-lhes considerar que alguns filhos nunca receberam disciplina em casa. Tendo sido sempre tratados complacentemente, sem nunca serem exercitados na obediência, ser-lhes-ia grandemente proveitoso serem afastados dos pais pouco judiciosos, e colocados sob regulamentos e exercícios tão rigorosos como os que regem os soldados num exército. A menos que se faça algo por esses filhos, tão negligenciados por pais infieis, eles jamais poderão ser aceites por Jesus; a menos que sejam controlados por algum poder, virão a ser de nenhum préstimo nesta vida, e não terão parte na futura» — *Testemunhos Selectos*, vol. 1, pág. 537.

Seria proveitoso que todos os pais, com crianças e jovens em idade escolar fizessem um exame de consciência — «Que espécie de pai ou de mãe tenho sido? Tenho ensinado aos meus filhos a obediência, ou, pelo contrário penso que amá-los é deixá-los fazer tudo o que lhes apetece? Tenho-me interessado pela escola, contactando com a mesma sempre que para tal sou convocado?»

Estas palavras da Irmã White são bem claras: «Ao deixarem os filhos fazerem o que lhes apraz, podem os pais julgar-se afectuosos, mas estão a praticar uma verdadeira crueldade. As crianças são capazes de raciocinar e sua alma é prejudicada pela inconsiderada bondade, por mais apropriada que esta pareça aos olhos dos pais. Quando as crianças alcançam mais idade, aumenta a insubordinação. Os professores podem procurar corrigi-las, mas com muita frequência tomam os pais o lado dos filhos, e o mal continua a crescer, vestido, se possível, com uma capa de engano ainda mais negra que antes. Outras crianças são desviadas pela má atitude dessas crianças, e assim mesmo os pais não podem ver o mal. As palavras de seus filhos são mais ouvidas do que as dos professores que choram sobre o mal» — *Review and Herald*, 2 de Janeiro de 1901.

Qualquer pai sensato deveria ficar contente

e grato por ter o seu filho numa escola em que é ensinada à criança a obediência. Os professores podem errar, pois só o Mestre foi perfeito e perfeita só foi a escola do Éden, mas se houver cooperação entre os pais e professores, qualquer proble-

ma que possa surgir será resolvido e aqueles podem acreditar que, nas nossas escolas, os professores estão sempre na disposição de dar o seu melhor para o bem da criança e para o bom desenvolvimento da sua vida física, mental e espiritual.

MIRIAM WOOD

PARA GENTE JOVEM

## «Apenas»

Quando um dia destes entrei numa oficina, necessitava desesperadamente de ajuda. O dispositivo eléctrico que acciona o assento do carro para a frente e para trás, para cima e para baixo, de concepção altamente sofisticada e incrível modernidade, tão conveniente à comodidade tinha simplesmente deixado de funcionar. E ali estava eu, com o assento do carro tão chegado à frente que ninguém mais na família conseguia lá entrar. (Esse é um dos inconvenientes de ser pequena. Quando foi lançado o disco «Short People» [Gente Pequena] eu tremia cada vez que o ouvia).

«Deve haver algum fio desligado ... ou qualquer coisa do género», choraminguei eu ao gerente. «Poderia ... seria possível ... poderá fazer alguma coisa?» e ele deve ter sentido o meu desespero, pois pela primeira vez em muitos anos não me foi dito friamente que se eu desejasse deixar o automóvel avariado, talvez estivesse pronto dentro de alguns dias — desde que a sorte me não abandonasse. Desta vez o gerente fez sinal a um jovem mecânico que ia a passar.

«Sam», disse ele, «esta senhora tem um problema. Pode lá ir dar uma vista de olhos?»

Sam fez mais do que isso. Ele arrastou-se para dentro do carro, espremeu-se para debaixo do banco, conseguiu chegar ao mecanismo defeituoso e fez o banco deslizar para trás e para a frente.

«Formidável! O senhor é alguma espécie de mago?» perguntei.

Ele sorriu. «Nem por sombras. Só sei o que está errado. Vou levar o carro para a oficina, arranjà-lo e dentro de cinco minutos devolvo-lho.»

E assim fez. Depois meti-me no carro e regresséi a casa sentindo-me contente e com uma nova perspectiva sobre o estado do Universo, e dos jovens profissionais. Sabem, é que Sam não era «apenas um mecânico». Ele era um perito. Ele preocupou-se em aprender tudo sobre os carros que eram o seu trabalho diário. Se ele alegrava a vida dos seus outros clientes como havia alegrado a minha, haveria certamente uma porção de gente feliz andando por aí.

No caminho para casa pensei na expressão que tantas vezes se ouve: «Ela é apenas uma secretária (ou dona de casa, ou escriturária).» «Ele é apenas um mecânico (ou contabilista, ou revisor, ou zelador)». Eu gostaria que essa palavra *apenas* usada com tanta frequência para depreciar a ocupação de

alguém, pudesse ser banida tanto da nossa linguagem como dos nossos conceitos. Pensando bem, não há maneira de fazer um bom trabalho e contribuir para que as rodas do progresso andem sem parar se você for um «apenas». Uma secretária, por exemplo. Posso dizer sem margem para erros que sem uma excelente secretária, poucos executivos poderão ser, eles próprios, excelentes. Certamente as suas vidas seriam um longo pesadelo de documentos perdidos, palavras mal-escritas, entrevistas falhadas, contratos cancelados, e sei lá o que mais. E quanto a «donas de casa» — qual é a família que não precisa de uma pessoa amorosa, cuidadosa, que torne tudo belo, que transforme a vida na maravilhosa aventura que ela deveria ser? E poderíamos dizer o mesmo de qualquer outra profissão.

Pensei na pequena senhora chinesa que trabalha numa lavandaria perto do meu escritório e do belo trabalho que ela faz para mim, encurtando mangas e fazendo outros ajustes na minha roupa. Creiam-me, ela não é «apenas uma costureira». Ela é uma esplêndida profissional que torna a minha vida menos árdua do que poderia ser para uma pessoa que, como eu, tem tão pouco talento para costura. E o que é mais importante, ela é alegre e divertida, e eu respeito-a como um membro útil e produtivo da raça humana.

Perguntaram há tempo a um jovem meu amigo quais eram os seus planos e esperanças para a sua vida. Ele falou das suas actividades desportivas (ele ainda é estudante) e dos seus passatempos. Depois resumiu tudo desta forma: «A minha maior aspiração é obter o máximo da vida. Eu desejaria ser o melhor daquilo que Deus queira que eu seja. Presentemente, estou a fazer planos de estudar medicina. Mas quem sabe? Pode ser que eu acabe por ser professor, dactilógrafo, conselheiro — qualquer coisa, dependendo da liderança de Deus.»

Não pode, como jovem, fazer algo errado se tomar a firme decisão de ser o *melhor* daquilo que Deus queira que seja. Embora pareça antiquado, é verídico. Nunca será um «apenas...» com todas as consequentes frustrações e sentimentos de derrota e amargura.

Deus estabeleceu uma regra que é uma cura segura para a filosofia do «apenas...». Aqui está ela: Estuda para que possas «apresentar-te a Deus, aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar». (II Timóteo 2:15).

### RELATÓRIO DA CAMPANHA EVANGELÍSTICA DE ROLAND LEHNHOFF NAS MAURÍCIAS, DE 5 DE JULHO A 30 DE AGOSTO DE 1980

Duzentas e setenta e quatro pessoas foram já baptizadas como resultado do «Seminário Nova Dimensão de Vida» conduzido por Roland Lehnhoff, evangelista da Divisão Euro-Africana, nas ilhas Maurícias, no Oceano Índico.

Mil pessoas estiveram presentes à reunião de abertura no Teatro Municipal da cidade de Port Louis. Pela segunda semana a afluência havia aumentado para mil e seiscentas pessoas, tendo-se tornado necessário efectuar duas sessões. Sendo as Maurícias formadas por uma população cosmopolita, a audiência era constituída, noite após noite, por crioulos, indianos, árabes, chineses, africanos e alguns europeus. Entre os baptizados havia procedentes do Hinduísmo, Maometanismo e Budismo.

Durante as séries evangelísticas, houve 568 decisões para o baptismo. O Pastor Daniel Gueho continua efectuando reuniões de apoio. Outros pastores levam a cabo classes bíblicas nas diferentes igrejas a fim de prepararem as pessoas interessadas para os baptismos que se efectuem mensalmente.

**Roland Lehnhoff**

### «SERVIÇO SOCIAL ADVENTISTA»— UMA NOVA DIMENSÃO NA OBRA MISSIONÁRIA NA ÁUSTRIA

Foi uma incómoda sensação de solidão, aquela sentida pelo director do departamento de beneficência Adventista, quando compareceu, pela primeira vez, a uma reunião municipal de líderes de todas as instituições e organizações sociais de Viena, em 1974. O ter sido apresentado como «Adventista», havia causado um repúdio imediato por parte de todos os outros participantes da ilustre assembleia. Nessa altura, a nossa igreja era pouco conhecida, sendo o nome associado a uma estranha seita americana. Esta atitude negativa seria, contudo, alterada em breve.

O apelo feito pelas autoridades municipais para que se prestasse assistência num serviço de enfermagem no lar foi respondido com tanta eficiência pelos nossos dedicados membros, que este serviço hoje, depende largamente dos nossos grupos Adventistas. Quarenta e cinco irmãs, empregadas em tempo integral, estão cuidando de pessoas idosas ou inválidas em seus lares, lavando os seus pacientes, receitando e fazendo tratamentos, fazendo limpezas leves e compras e até mesmo cozinhando um pouco, de acordo com as necessidades dos seus pacientes. Muitos são recém-

-saídos de hospitais, mas ainda incapazes de tratarem de si próprios, outros são demasiado idosos para terem forças para, mesmo de vez em quando, se levantarem e fazerem o trabalho doméstico. Em todos estes casos o «Serviço Social Adventista», como agora é chamado, é solicitado a ajudar. E as autoridades até pagam aos nossos membros por este trabalho. É claro que elas são devidamente treinadas para o seu trabalho por meio de vários cursos rápidos, embora não sejam enfermeiras diplomadas.

Há um outro ramo de trabalho, mais adequado para a nossa juventude Adventista, particularmente para os nossos rapazes. É chamada a «Equipa de Limpeza». Para sermos mais exactos, deveria ser chamada «Brigada do Lixo».

Muitas das pessoas idosas e inválidas entre os 1,8 milhões de habitantes de Viena não conseguem manter o nível médio de limpeza e arrumação. Claro que cada um tem o direito de viver como bem lhe aprouver. Mas quando se chega ao ponto de incomodar a vizinhança, quando o cheiro de um apartamento é tão intenso num prédio, que os vizinhos chamem a polícia, então é certo e sabido que se verá uma equipa Adventista de Limpeza nessa casa dentro em breve. É que a polícia comunica directamente com a nossa igreja através do departamento social municipal. Muitas vezes a situação é incrível: a boa velhinha era tão fraquinha que nem podia levar o seu cão e quatro gatos ao seu passeio higiénico. Os animais nunca saíam de casa. Quando o chão estava coberto de fezes, lama e sujidade, ela simplesmente punha outra camada de jornais em cima e passava a andar sobre eles. Durante muitos meses uma sólida camada de poluição e papel ia-se formando até atingir uma altura inacreditável.

Outras pessoas têm a mania de juntar tudo o que conseguem arranjar. Os quartos enchem-se de coisas inúteis até ao tecto. Por vezes eles não têm lugar nem para se deitarem ao comprido na cama. Se uma pessoa dessas adoce e chama o médico, este pede que o quarto seja desimpedido antes que possa fazer um tratamento adequado.

Quase não acreditariam no número de pessoas negligenciadas que existem numa cidade como Viena. Os nossos 30 jovens, que voluntariamente escolhem trabalhar nas várias «Brigadas do Lixo», são chamados muitas vezes. E, mais importante ainda, são os únicos a quererem e estarem prontos a ajudar em casos destes. As autoridades camarárias admitem com franqueza que não encontrariam ninguém — nem por dinheiro, nem por boas obras — que fizesse esse trabalho sujo. E todos os vizinhos concordam. De facto, muitos dos vizinhos perguntam aos nossos membros: «Quem são vocês?» e «Por que fazem um trabalho como este?» ou «O que quer dizer «Missão Adventista?»»

Todos os nossos obreiros sociais usam batas ou fatos-macacos com uma

inscrição em letras grandes dizendo «Missão Adventista». E os nossos jovens levam sempre consigo alguma literatura informativa para ser distribuída pelos vizinhos que fizerem perguntas.

Presentemente, os Adventistas já são mais conhecidos do que qualquer outra «seita americana», e têm uma reputação excelente. E o nosso director de beneficência é recebido calorosamente e todos tentam falar-lhe quando os líderes de instituições sociais se reúnem. Que mudança desde 1974, apenas por fazermos trabalho cristão e por vivermos a nossa fé!

**Heinz Hopf**

### ÊXITO NO SECTOR DE EDUCAÇÃO NA DIVISÃO EURO-AFRICANA

Cerimónias de encerramento e graduação foram levadas a efeito durante os meses de Junho e Julho em todas as instituições de ensino da Divisão Euro-Africana, antes das férias de Verão.

No nosso seminário francês, em Collonges, 48 alunos terminaram o seu curso. Durante o último semestre foram admitidos, nos diferentes ramos, 527 alunos.

O colégio e seminário ministerial na Alemanha, Marienhoehe, teve um total de 535 alunos no ano lectivo 1979-80. Noventa e cinco destes terminaram os seus estudos liceais e serão agora admitidos na universidade, e 14 trocaram o seminário pelo hospital, como médicos internos.

Um novo corpo do edifício de ciências, ainda em construção, será inaugurado até Setembro para ser posto em funcionamento no próximo semestre.

Na pequena escola austríaca em Bogenhofen, graduaram seis, na Itália houve 105 alunos na escola secundária e no colégio teológico em Villa Aurora, Florença. Destes alunos, 12 terminaram o seu bacharelato, e outros seis qualificaram-se para o trabalho na Obra.

Na Jugoslávia, 23 estudantes acabaram o seu treinamento no Colégio de Marousevec, tendo obtido o seu bacharelato em Artes, e 10 estudantes pastorais terminaram os seus estudos e começaram o seu estágio.

**Heinz Hopf**

### NOVA DIRECÇÃO DA CASA PUBLICADORA FRANCESA

Jean Scippa, o ex-tesoureiro da Missão do Oceano Índico, que serviu por mais de 8 anos na sede da Missão de Tananarive, na ilha de Malgaxe, foi eleito Director da Casa Publicadora Francesa «Signes des Temps», em Dammarie, França.

**Heinz Hopf**